

Brazilian Peircean Semiotics Research Network

Rede Brasileira de Pesquisa em Semiótica Peirceana

Contribuições da semiótica para o estudo das línguas de sinais e sua importância para o desenvolvimento cognitivo do surdo

👤 **Brazilian Peircean Semiotics Research Network** 🕒 **March 16, 2021**

📌 **Claudio Correia**

por Claudio Correia

Este texto tem como objetivo demonstrar que alguns conceitos que emergem da Semiótica de Charles Sanders Peirce possuem muita importância para os estudos voltados aos processos de ensino e de aprendizagem para a comunidade surda e, também, para o entendimento da natureza eminentemente semiótica das línguas espaço-visuais, ou línguas de sinais. A reflexão que me fez desenvolver este texto, nasce de uma experiência com o ensino de semiótica e de linguística nos cursos de graduação na área de letras LIBRAS, fato que me fez perceber que em sua grande maioria, os alunos desses cursos ainda possuem uma visão do ensino e aprendizagem das línguas de sinais unicamente como meios de comunicação, deixando para segundo plano a sua importância fundamental para o desenvolvimento cognitivo do surdo, esquecendo ou mesmo desconhecendo a importância fundamental desses sistemas de linguagem para a organização dos processos de pensamento.

Ao nos depararmos com a natureza de um sistema de linguagem espaço-visual, ou seja, com uma língua de sinais, claramente podemos perceber que essas línguas se constituem como sistemas semióticos devido à natureza eminentemente visual desses sistemas linguísticos. Se a visualidade é o ponto de partida para uma visão semiótica desses sistemas de linguagem, outras singularidades que pertencem a natureza desses sistemas linguísticos espaço-visuais, tais como a necessidade da percepção visual para a sua decodificação, os movimentos manuais necessários para a produção da comunicação e elementos como as expressões faciais, movimentos corporais e a simultaneidade no processo de geração da linguagem apontam para a necessidade urgente da Semiótica como ciência na análise e observação desses sistemas de linguagem que demonstram um alto nível de complexidade. Uma das grandes características da Semiótica de Peirce é,

exatamente, o respeito no atento processo de análise da natureza dos sistemas de linguagem. Na Semiótica de Peirce a natureza dos sistemas de linguagem é respeitada. Começa, dessa forma, a ficar clara a importância da ciência dos signos desenvolvida por Peirce para o estudo das línguas de sinais. Sem dúvidas, a Linguística desenvolveu estudos muito importantes para o entendimento e, sobretudo, para a compreensão da estrutura das línguas espaço-visuais; porém, devido a sua natureza espaço-visual, espaço-gestual, esse sistema de linguagem reclama por uma perspectiva que observe a multiplicidade e a natureza dos inúmeros signos visuais que a compõem e que entram em jogo no processo de comunicação através da simultaneidade. Com todo o respeito às análises estruturais que sem dúvidas trouxeram respostas da máxima importância para o entendimento das regras de combinação e de seleção utilizadas nas estruturas das línguas de sinais, não tenho dúvidas de que uma visão da semiótica peirceana sobre esses sistemas linguísticos pode ampliar em muito o entendimento da riqueza desses sistemas de linguagem. A Semiótica peirceana tem muito a acrescentar à análise e investigação das línguas de sinais através de diferentes abordagens: podemos observá-las pela classificação sistemática dos signos, pela identificação dos signos espaço-gestuais e pela potencialidade que esses signos possuem na geração das interpretações; pela teoria do signo e sua constituição triádica e o dinamismo que esta teoria oferece para o entendimento da geração dos signos em mentes potencialmente interpretadoras; e também através do conceito de semiose, a ação e atividade dos signos, entendida como um processo que nasce da percepção dos fenômenos e os transforma em signos, em cognição, nas semioses geradas pelas línguas naturais. Seguiremos neste texto enfatizando a importância do conceito de semiose para o estudo das línguas de sinais, entendendo que o conceito de semiose, ao descrever como as percepções são transformadas em signo, ou seja, em cognição, pode contribuir para uma nova visão no ensino das línguas de sinais, não apenas enfatizando a comunicação, mas, também, chamando a atenção para o fato de que a aquisição de um sistema de signos é fundamental para o desenvolvimento cognitivo do surdo, fornecendo categorias sógnicas para o pensamento abstrato. O conceito peirceano de semiose nos permite ver que a cognição nasce de processos perceptivos que evoluem para uma dimensão sógnica, abstrata, de representação, que dá ao surdo as categorias necessárias para a representação do mundo da experiência e para a expressão do universo interno do pensamento.

A aquisição de um sistema de linguagem espaço-visual é fundamental para o surdo. Como já foi discutido acima, a própria natureza espaço-visual desse sistema de linguagem por si só reclama por uma abordagem semiótica para a sua análise e observação. No mundo do silêncio, as imagens possuem valor simbólico; na ausência da percepção dos sons, a percepção visual emerge como a porta de entrada para a comunicação e para a geração das interpretações. No mundo da surdez, é através da percepção visual que os signos entram em jogo no processo de comunicação, constituindo significados e gerando interpretações. É através dos signos visuais que a criança surda embarca no processo de comunicação e de interação, e através da aquisição de uma língua espaço-visual ela adquire formas de

organização e de categorização do seu pensamento. No universo da surdez, a aquisição de uma língua espaço-visual é fundamental para garantir a possibilidade da comunicação, bem como a organização de seu pensamento dando-lhe garantias para o seu desenvolvimento cognitivo.

As línguas de sinais, como sistemas linguísticos visuais, gestuais e espaciais, são sistemas semióticos de alto nível de complexidade e de especificidade. Sua complexidade fica evidente em sua organização simbólica, em sua abstração e na organização dos signos visuais de natureza gestual. No processo de comunicação, gestos manuais, expressões faciais, movimentos corporais são os meios privilegiados para a geração dos significados. O próprio uso do corpo como forma e meio de comunicação demonstra a especificidade deste sistema de linguagem: nas línguas de sinais o corpo fala, as mãos comunicam, o rosto expressa, o espaço determina, a simultaneidade se apresenta, demonstrando o quão específico à espécie humana é este sistema de linguagem. Na ausência dos sons, no mundo do silêncio, o corpo fala, demonstrando toda a potencialidade da espécie humana para a comunicação gestual.

E não podemos esquecer que esses gestos que caracterizam a natureza das línguas de sinais não são simplesmente gestos manuais, são signos: signos que representam o mundo da experiência e o universo mental do surdo, organizados em um complexo sistema de linguagem de natureza gestual, visual e espacial. Esses signos são da máxima importância para a geração do conhecimento; esses signos espaço-visuais são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo do surdo. O conceito peirceano de semiose é, portanto, essencial para o entendimento das formas como esse sistema de linguagem, no processo de aquisição e de apreensão das línguas espaço-visuais é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Se o mundo da experiência visual necessita ser percebido para ser transformado em signos que possam dar categorias à organização do pensamento do surdo, isto demonstra a importância do conceito de semiose, demonstrando que o conhecimento é gerado a partir de processos perceptivos. Esta constatação é da máxima importância para a educação dos surdos, demonstrando que uma língua de sinais deve ser a primeira língua para o surdo. Em um sistema de educação bilíngue, a primeira língua para o surdo deve ser uma língua espaço-visual, porque na ausência da percepção dos sons, o universo da experiência será primordialmente apreendido pela percepção visual para a geração dos signos.

Muitos processos mentais são estimulados pelas percepções que nascem dos sentidos. A deficiência ou ausência de um sentido provoca alterações e interfere nos processos mentais no que diz respeito à recepção e decodificação dos dados da experiência. Na ausência dos sentidos, há uma redução significativa de recepção de dados, ou seja, de informações, e este processo interfere diretamente no desenvolvimento dos processos mentais. No caso da surdez, a ausência da audição causa graves interferências tanto no que diz respeito ao convívio social, devido à ausência de comunicação, como em seu desenvolvimento cognitivo, tendo em vista

que a ausência de uma língua interfere diretamente nas formas de organização do pensamento e no desenvolvimento da cognição.

Com todas as diferenças muito claras, principalmente no que diz respeito à forma de expressão, gosto sempre de lembrar que as línguas espaço-visuais apresentam três semelhanças importantes com as línguas orais-auditivas, ou seja, as línguas produzidas oralmente e decodificadas auditivamente, em outros termos, as línguas que são faladas sobre a face terra. O primeiro ponto de semelhança está exatamente na questão de que ambas as formas de linguagem dependem dos processos de percepção para a geração do conhecimento; no universo do surdo, as línguas espaço-visuais precisam ser percebidas visualmente, enquanto que nas línguas orais-auditivas a percepção auditiva é fundamental para a geração do conhecimento. É claro que existem outras formas de linguagem que produzem e geram conhecimento, isto não é nenhuma novidade para um texto produzido para semioticistas, porém, estou falando neste momento de línguas, línguas que produzem conhecimento ou pela via da percepção visual ou pela via da percepção auditiva. O segundo ponto de semelhança está no fato de que esses dois sistemas de linguagem, mesmo com suas diferenças, são classificados como línguas, ou seja, possuem o status de línguas devido as suas complexidades gramaticais, em outros termos, ambas possuem funcionamento sintático. O terceiro ponto de semelhança está no fato de que ambas são consideradas línguas naturais: se por um lado, as línguas orais-auditivas são consideradas línguas naturais pelo fato de terem sido desenvolvidas naturalmente pela espécie humana, já as línguas espaço-visuais são consideradas naturais devido ao fato de o surdo utilizar um potencial inerente à comunicação humana que é o potencial de comunicação por gestos.

A línguas naturais, sejam elas orais-auditivas ou espaço-visuais, são constituídas por signos. São os signos que possuem o poder da representação e carregam a potencialidade da transmissão das informações. Os signos espaço-visuais das línguas de sinais geram semioses, atingem mentes potencialmente interpretadoras e, nesse processo, geram cognição, geram conhecimento. Volto, neste momento, a afirmar que o conceito de semiose, utilizado por Charles Sanders Peirce, é da máxima importância para os estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem das línguas de sinais. A semiose enquanto processo é o objeto de estudo da Semiótica, na medida em que é o termo que define a ação, a atividade dos signos que compõem um determinado sistema de linguagem. Na geração dos significados na mente do intérprete, a semiose é o processo transformador dos fenômenos existentes no universo real da existência empírica, que, através dos processos de percepção, transforma o fenômeno existente no universo da experiência em signo. É através da evolução das percepções em signo que ocorrem as relações de transformação do mundo da experiência em conhecimento.

Sem a exposição aos signos espaço-visuais das línguas de sinais o surdo corre um grande risco de desenvolver alterações significativas em seu desenvolvimento cognitivo. As semioses geradas pelas línguas espaço-visuais são fundamentais para

a aquisição da linguagem e para o desenvolvimento dos processos de conhecimento do surdo. Sobre esta questão Fernandes (2003, p. 24) nos explica que

é evidente que não podemos considerar, do mesmo modo, um indivíduo que tem uma língua como principal instrumento para o pensamento lógico e um indivíduo que não tem teve qualquer acesso à aquisição de uma língua. É oportuno não deixarmos de registrar que, embora nem todos os processos mentais sejam realizados através do mecanismo linguístico, o fato é que a ausência da aquisição de uma língua provoca, no desenvolvimento geral dos processos cognitivos, uma alteração significativa.

Segundo Sacks (1990, p. 127) “a experiência da linguagem pode alterar consideravelmente o desenvolvimento cerebral”, caso esta experiência seja “bastante deficiente”, ela “pode retardar a maturação do cérebro, impedindo o desenvolvimento apropriado do hemisfério esquerdo (...)”. A aquisição de um sistema de signos linguísticos espaço-visuais é, portanto, essencial para o desenvolvimento cerebral e para o desenvolvimento os processos cognitivos do surdo.

O que vale ressaltar é a compreensão dessa questão básica de que a semiose é, sobretudo, um processo transformador do universo do fenômeno, da experiência, em um universo mental. Esse processo se apresenta como uma atividade dinâmica e triádica e é de fundamental importância para os estudos cognitivos. Através do conceito de semiose, não somente como um modelo analítico, mas como um modelo epistemológico que demonstra as formas como apreendemos a experiência através dos processos de percepção e geramos signos para a compreensão e conhecimento do mundo, podemos encontrar novos caminhos para o estudo científico das línguas de sinais, estudos que vão muito além da análise de suas estruturas, estudos cujo foco está nos efeitos que podem gerar como sistemas de signos.

É necessário entendermos, também, que o objetivo da semiótica de Peirce não é apenas o exaustivo levantamento classificatório das possibilidades de signos, porém, o estudo da forma como o pensamento age no processo de transformação dos *phanerons* em signos, isto é, na conversão do fenômeno oriundo do universo da experiência em signo. É o que nos apresenta Santaella (1996, p. 65):

(...) o objeto dessa ciência não é meramente o levantamento classificatório de signos, mas o perscrutar acurado dos modos como a consciência-pensamento opera transformando qualquer coisa que se lhe apresenta (os phaneros) de modo que, no ato de apreender o phaneron, o pensamento necessariamente o converte em signo.

São as operações de transformação dos *phanerons* em signos, as conversões do pensamento, que geram o conhecimento e a cognição. No universo do surdo, sem a percepção visual dos fenômenos do universo da experiência o conhecimento não se instaura. O fenômeno percebido visualmente necessita ser transformado em signo, em linguagem, levando o surdo ao desenvolvimento de seus processos de conhecimento. Uma questão implícita nesta citação de Santaella (1996) aponta para um uso muitas vezes superficial das classificações dos signos em diversas áreas do conhecimento. No que concerne aos estudos das línguas de sinais, ou mesmo de sua representação escrita, o SignWriting, as línguas de sinais são classificadas como primordialmente icônicas, muitas vezes esquecendo o caráter indicial e sobretudo simbólico desses sistemas de signos linguísticos. Mesmo possuindo uma dimensão evidentemente icônica, as línguas de sinais são claramente simbólicas, pois tratam-se de sistemas de signos convencionais e que representam através de leis de convenção e de generalização. Este entendimento da classificação dos signos, cujas bases estão na fenomenologia de Peirce, é fundamental para entendermos os efeitos das semioses geradas pelo complexo de signos das línguas espaço-visuais na mente do surdo. A classificação dos signos resulta em signos-interpretantes, a forma como os signos representam em nível pragmático os objetos que representam tem impacto na geração dos signos com relação aos interpretantes e esta questão não pode ser tratada em segundo plano. A compreensão desta classificação é essencial para o planejamento de materiais didáticos para o ensino e aprendizagem na área da surdez, bem como para o entendimento de que as línguas de sinais são sistemas semióticos de alto nível de organização. São esses signos espaço-visuais organizados em um sistema complexo e específico de linguagem que são essenciais para a aquisição do conhecimento, para o desenvolvimento dos processos cognitivos e para a função de comunicação.

Cada vez mais tenho a clara consciência de que a Semiótica de Peirce deveria ser uma disciplina obrigatória nos cursos de Educação e de Letras LIBRAS, tendo em vista a potencialidade de seus princípios altamente abstratos, tanto para o estudo das línguas de sinais, como para o estudo dos fenômenos de comunicação, como, também, para a compreensão das formas como os signos organizados nas línguas de sinais geram semioses e, dessa forma, geram significações e sentidos. Na Semiótica de Peirce podemos encontrar muitas respostas para o entendimento dos processos de aquisição e de geração do conhecimento que ocorrem com a aquisição de um sistema de signos como as línguas de sinais. Um conceito fundamental que emerge como síntese do pensamento de Peirce e que nos direciona, também, para a interdisciplinaridade entre a semiótica e as áreas do conhecimento que estudam a Surdez, está na definição peirceana do pensamento enquanto uma corrente de signos. Segundo Santaella (1995, p. 19)

Qualquer pensamento se processa por meio de signos. Qualquer pensamento é a continuação de um outro, para continuar em outro. Pensamento é diálogo. Semiose ou autogeração é, assim, também sinônimo de pensamento, inteligência, mente, crescimento, aprendizagem e vida.

Para Peirce, não há pensamento sem signos. O pensamento é totalmente estruturado em uma corrente de signos. Portanto, o caminho para o entendimento dos efeitos de um sistema de signos espaço-visuais no desenvolvimento linguístico e cognitivo do surdo está, primordialmente, no entendimento do que é o signo e na compreensão do que é a semiose, para podermos entender as leis de organização do pensamento e os meios de desenvolvimento da inteligência do surdo no processo de aquisição de uma língua de sinais.

Referências

FERNANDES, Eulalia. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos**: Semiose e Autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de Linguagem e Ideologia**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

Advertisements

AUTOMATTIC

**You don't need to go to
an office to write code.
Work with us!**

APPLY

W ⚡ A ⏻ WOO L S C

REPORT THIS AD

Share this:



Like

Be the first to like this.

Related

Imagens cinematográficas no
fluxo de teorias peirceanas e
deleuzeanas
February 16, 2021
In "Maria Ogécia Drigo"

Peirce e as teorias da
comunicação
January 18, 2021
In "Tarcísio Cardoso"

Interdisciplinaridade
Orientada por Peirce
January 31, 2021
In "Gustavo Rick"

 [Brazilian Peircean Semiotics Research Network](#)  [March 16, 2021](#)
 [Claudio Correia](#)

Leave a Reply

Enter your comment here...

[Brazilian Peircean Semiotics Research Network](#), [Website Built with WordPress.com](#).